

A HERANÇA GLOBAL - 110

Uma antiga história de amor em meio a uma guerra esquecida

Tudo aconteceu no Vietnã, onde o grande autor Nguyen Du, do qual não se sabe com precisão datas e informações históricas, imaginava raposas que davam lições de moral aos governantes e flores sorridentes que, enquanto proferiam conselhos éticos, viravam lindíssimas mulheres. Dramas como os dos personagens Lê e Sinh se repetiram infindavelmente no país

Por Renato Pompeu

Se filmes vietnamitas recentes têm passado nas salas brasileiras, a grande literatura desse país é praticamente desconhecida, não só aqui, mas em geral no Ocidente. A literatura do Vietnã, no entanto, tem grandes autores; o maior problema, para o estudo das obras desses escritores, foi a proibição, pelas autoridades colonialistas francesas, do uso dos calendários tradicionais vietnamitas, substituídos pelo calendário gregoriano.

Os antigos vietnamitas usavam diferentes calendários, o local, o regional, o estatal, o religioso, etc. Seus escribas, porém, sabiam mover-se nesse emaranhado e transcrever a data de um calendário para o seu equivalente exato em outro calendário. Com a proibição desses calendários pelas autoridades francesas, no entanto, esse conhecimento se perdeu. (O mesmo problema foi criado pelas autoridades britânicas na Índia.)

Assim, enquanto alguns estudiosos ocidentais indicam que um dos maiores escritores vietnamitas, Nguyen Du, viveu na passagem do século 15 para o século 16, outros postulam que ele viveu de 1765 a 1820. A confusão é tão grande que ambas as versões dizem que Nguyen Du viveu quando estava para chegar ao fim do domínio da dinastia Lê, uma das mais importantes do antigo Vietnã.

Em qualquer versão, no entanto, ele é apresentado como um dos maiores escritores da história do Vietnã e da Ásia Oriental em geral. O exemplar mais antigo sobrevivente de sua obra principal, *Vasta Coletânea de Lendas Maravilhosas* - histórias fantásticas e sarcásticas em que demônios disfarçados em raposas se transformam em eruditos que dão lições de moral aos reis e ministros e em que flores sorridentes ditam preceitos éticos ao mesmo tempo em que se vão transformando em lindíssimas mulheres -, costuma ser datado de 1763. Uma tradução em francês, publicada em 1962 pela Gallimard-Unesco, conta que Nguyen Du re-

O estudo da literatura vietnamita foi prejudicado pela proibição do uso dos calendários tradicionais

cebeu o título de doutor em 1496; mas tanto a *Enciclopédia Britânica* como o *Dicionário Enciclopédico Larousse* afirmam, em edições dos anos 1990, que ele nasceu em 1765.

De todo modo, a tradução de 1962 foi feita por um vietnamita, Nguyen-Tran-Huan, com a chancela do governo de seu país e da Unesco. Tendo sido aprovado como doutor em 1496, Nguyen Du teria, segundo essa edição, sido nomeado subprefeito (isto é, administrador civil, porém encarregado de também supervisionar o comando militar) da região de Thanh-toan. Pediu demissão, no entanto, um ano depois, sob o pretexto de cuidar de sua idosa mãe, mas outra razão importante foi se afastar do caos político e administrativo que marcava o fim da dinastia Lê (que, no entanto, segundo a *Britânica*, só perdeu o poder em 1787).

Na sua reclusão, a que chamou de "torre de marfim", na remota aldeia natal, Nguyen Du ficou longe do tumulto de matanças e de sordidez nas intrigas palacianas, banditismo e saques nos campos de lavoura. Os reis se sucediam rapidamente, logo sendo depostos e/ou mortos por outro rei em geral sem nenhuma legitimidade.

Um deles, o rei Uy-Muc, foi chamado de o Rei-Demônio pelo embaixador da China, pelos seus há-

bitos de mandar matar logo após cada banquete as mulheres que o tinham entretido e de obrigar, por puro divertimento, seus soldados a se entrematarem, enquanto ele apreciava o "espetáculo". Uy-Muc acabou morrendo envenenado e, segundo o embaixador chinês, foi substituído por um rei de "conduta pior" do que a do rei morto.

Disso tudo Nguyen Du quis fugir ao se recolher à sua distante aldeia; a isso tudo ele quis criticar em sua obra.

Mas o mais importante, é claro, é o próprio texto da *Vasta Coletânea de Lendas Maravilhosas*. Aqui vão trechos de uma de suas narrativas, "História da Dama Lê":

A Dama Nguyen-Thi-Diem era originária de uma grande família da subprefeitura de Dong Son, na província de Thanh Hoa. Do la-

Nguyen Du é um dos maiores escritores da história da Ásia Oriental. Sua 'Coletânea de Lendas' data de 1763

to materno ela era prima de Tran Khat Chan.

Ela abriu uma loja de cosméticos fora da capital, diante da loja da Dama Ly. Elas viviam bem perto uma da outra e sua amizade se tornava dia a dia mais profunda. Mas as duas ainda não tinham filhos. Um dia, foram à gruta de Ho Cong, para fazer uma oferenda com o objetivo de implorar uma intervenção miraculosa.

A Dama Ly disse à Dama Nguyen:

"Só ficamos nos conhecendo no mercado. Mas hoje, sem combinar, viemos aqui com o mesmo objetivo. Se alguma vez nosso voto for cumprido, deveríamos fazer casar, mais tarde, as nossas crianças. Somos pessoas do povo e o casamento se fará conforme as regras (simples) de Tran Binh. Por que iríamos imitar os modos luxuosos das gentes das famílias Tsoei, Lou, Ly, Tcheng? Tomo o Gênio da Montanha como testemunha de que jamais renegarei minha palavra."

Em seguida, a Dama Nguyen efetivamente deu à luz uma menina, a que chamou Lê Nuong. A Dama Ly, de seu lado, teve um menino chamado Phat Sinh. Quando as duas crianças foram crescendo, amaram ambas os estudos. Como seus pais fossem amigos íntimos, as crianças se viam com frequência e, a cada vez que se encontravam, nunca deixavam de comparecer conjuntamente poemas e de se lançar em duelos literários. Ainda que a data de seu casamento não tivesse ainda sido marcada, eles já tinham feito juras de amor uma ao outro e se consideravam já como casados.

No ano Ky Mao do reinado de Kien Tan do clã Tran (isto é, 1399), ocorreu o drama de Tran Khat Chan, que quis assassinar o rei Hô Quy Ly; Lê Nuong, parenta de Tran Khat Chan, foi mandada ao rei para entrar em seu harém. O jovem Phat Sinh ficou no auge do desespero.

Um dia, na última noite do ano, a quinta vigília já ia terminar e ele ainda estava na cama, quando ouviu ruídos indistintos de vozes. Abriu apressadamente a porta e viu passar diante dele, majestosamente, mais de cem palanquins floridos. Uma carta escrita em seda foi enfiada por uma ranhura da porta. Ele reconheceu a letra de Lê Nuong e leu (os seguintes versos):

*Ouvj dizer:
O céu comporta os princípios Yin e Yang e o caminho do céu está assim completo.*

No ser humano, há marido e mulher, e assim a conduta humana está perfeita.

Ah! Que é que eu fiz

*Para estar separada de você!
Nossos assuntos de coração de antigamente há muito tempo criaram numerosos laços;*

Hoje, que estamos separados, esses assuntos se tornam uma nostalgia eterna!

A sombra caiu finalmente diante do pavilhão,

A primavera está por longo tempo confinada ao palácio!

Tenho medo da dança da "fênix solitária" diante do espelho (segundo a lenda, esse pássaro, ao se olhar num espelho, cantava por achar que tinha ao lado um companheiro),

Da música da canção da "Garça Isolada".

A cidade na primavera, durante um pôr-do-sol; o salgueiro, na terceira lua, cede à brisa.

A água que foge pelo canal real, a odalisca do Palácio Thuong Duong a sofre no mais profundo de suas entranhas.

Não tenho nada, a não ser a tristeza infinita, e minhas lágrimas correm em fluxos.

Deploro que nossas juras tenham sido contrariadas.

Fico rindo desta vida inútil. (...) Aconselho você a bem se cuidar, E a fazer um bom casamento,

A não estragar os seus projetos de cem anos

Pela ligação de um dia.

Meu pensamento não tem fim, Minha carta não pode exprimir isso em palavras.

À espera de suas intenções, Eu envio a você esta carta.

Lendo a carta, o jovem foi tão afetado que esqueceu de comer e dormir. Com seu casamento aniquilado, mudou e estabeleceu domicílio no leste. Ainda cheio de amor por Lê Nuong, não podia se decidir a casar com outra.

No fim da dinastia dos Hô, o general chinês Tchang Fou repartiu seus exércitos para invadir a capital do Anam. Sinh ficou sabendo que o rei do Anam, Han Thuong do clã Hô, tinha sido vencido e estava fugindo. Pensou que Lê Nuong podia também estar sendo vítima dessa derrota. Deixou então sua mãe e foi para o sul, na esperança de rever a moça.

Dez dias depois, chegou afinal ao porto de Than Phu. Corria o boato de que um general rebelde, Lo I, tinha capturado algumas centenas de mulheres e estava acampado agora na região de Thien Truong, seu exército isolado não tendo recebido nenhuma ajuda. Sinh teve a intuição de que Lê Nuong era uma dessas prisioneiras. Mas, como tinha as mãos

'O céu comporta Yin e Yang e está completo. No ser humano, marido e mulher formam a conduta perfeita'

vazias e estava em território estrangeiro, nada podia tentar. Nesse momento, o rei Gian-Dinh, do clã Tran, se sublevou na região de Truong Yen. Mas seu exército, fraco em número, não pôde resistir ao exército chinês; o rei ficou com a intenção de rumar para a região de Nghe A n. Sinh quis aproveitar o apoio do exército real para atacar de imprevisão o bando rebelde e libertar Lê Nuong. Ele se apresentou então diante do cavalo do rei e propôs o seu plano de ataque. (...)

Esse plano foi submetido ao rei Gian-Dinh. Este, após ter lido o plano, felicitou Sinh e lhe deu o comando de uma tropa de 500 homens para atacar a prefeitura de Thien-Truong. Sinh aceitou e, corajosamente, jurou diante dos soldados lutar para restaurar a dinastia dos Tran. Todos os combatentes ficaram cheios de ardor.

Agora, aproveitando a maré montante, ele atacou Lo-I à noite e este bateu em retirada e recuou para o norte, na região do rio Xuong-giang. Sinh estabeleceu seu acam-



pamento no desfiladeiro de Quymon e ali fez chegar viveres.

De repente, de Yen-tai, capital da China, chegou a ordem de retirada das tropas chinesas. O general chinês Tchang Fou se apressou a organizar logo o retorno de suas tropas para a China. Sinh, que tinha vindo com o objetivo preciso de buscar sua mulher, não tivera, desde o início, nenhuma aspiração a conquistar mérito em combate. Vendo que os chineses iam deixar o país, pediu demissão de suas funções e abandonou o exército. Sozinho, à noite, ele chegou ao posto de troca de cavalos em Bac-nga. Nesse momento, o posto estava vazio e deserto. Não achou ninguém a que pudesse fazer perguntas. De repente, ele viu uma velha que, em resposta às perguntas dele, disse, franzindo as sombrancelhas:

"Aqui, três exércitos acamparam muito tempo; tudo ainda está impregnado das emanações da carnificina. Além disso, já é noite. De onde você vem? E por que não busca um abrigo para passar a noite?"

Então Sinh lhe contou tristemente sua história. A velha lhe disse:

"Ah! A dama de que você deu o nome e a idade esteve sim aqui. Mas morreu de seus pesares." (...)

A velha pegou Sinh pela mão e levou ao alto da montanha. Ela lhe mostrou ali uma série de túmulos e lhe disse:

"Só essas mulheres ficaram puras e virtuosas, altivas e orgulhosas. Todas as outras ficaram igno-

minosamente sujas."

Sinh sofreu, apesar de pretender resistir, uma crise de dor imensa. Aquela noite, ele dormiu perto do túmulo. Suspirou assim: "Por você, vim de longe. Você não poderia me encontrar em sonho, para me consolar?" Chegou a meia-noite e ele viu Lê-Nuong chegar andando compassadamente e se dirigindo a ele em lágrimas. (...)

Conversaram alegremente sobre as coisas do passado, do tempo em que ela estava viva. Sinh disse a ela então: "Como você não tem possibilidade de reviver, vou levar os seus despojos, para que eu não volte de mãos vazias."

O herói de Nguyen Du recebeu muitas honras por defender seu país, mas na verdade defendia a memória de sua noiva

"Eu agradeço muito sua afeição a mim", disse ela. "Eu não saberia como retribuir. Mas minhas relações com as duas belas mulheres (enterradas a seu lado) se tornaram agora tão íntimas que não tenho mais coragem de deixá-las alguma manhã para partir. Além disso, as nascentes e as montanhas aqui são encantadoras, as fumaças e as nuvens são suaves. Ficamos em paz e o lugar nos contém. É inútil você se preocupar com minha mudança."

Mas o galo cantou pela terceira vez. Eles se ergueram e se deixaram apressadamente um à outra. Na manhã seguinte, Sinh, com al-

gumas onças de ouro, comprou caixões e água perfumada para proceder à exumação das três mulheres e as enterrar em outro lugar.

Na noite seguinte, ele as viu em sonho vir agradecer o que ele lhes fizera. Ele quis que elas ficassem, para conversar com elas, mas num instante elas desapareceram. Tristemente, ele voltou à sua casa; nunca se casou. (...)

Ao fim de alguns anos, Sinh se tornou um valente comandante de soldados que lutavam contra os chineses novamente invasores. Recebeu muitas honras por defender seu país, quando na verdade estava defendendo a memória de sua noiva.

De lá para cá, como se sabe, o Vietnã foi invadido muitas vezes mais, e dramas como os de Lê e Sinh se repetiram infindavelmente - ao ponto de que as leitoras ainda choram diante do texto de Nguyen Du. (No sábado que vem, observações sobre as idéias do pensador inglês Bacon.)

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com/>) e, entre outros, dos livros *Impressos* Globalização e Justiça Social, *ensaio econômico*; 2084 - O Admirável Mundo Neoliberal das Mulheres, *ficção erótica*, e *Um Dia no Mundo, romance "globalizado"* que se passa em todos os países do mundo e do qual já saíram dois tomos, dentro da série *A Última Noite do Botequim*. Pode ser localizado no endereço eletrônico rpompeu@pompeu.com ou pelo telefone 011-814.8653